



Francisco Simões
Investigador Auxiliar ISCTE

1989, 2024 e a ilusão da distância

Com dez anos de idade, era difícil perceber o alcance daquele momento. Não obstante, impunha-se o contraste entre o colapso daquela muralha, feita em pedaços, caindo como se de peças gigantes de dominó se tratasse, e a bucólica pasmeira da vida açoriana em que cada amanhã era incapaz de surpreender o presente. Mas sim, a espetacular queda do Muro de Berlim fazia antever algo grandioso, para além da vontade dos líderes mundiais e das balizas da história. Tanto mais que 1989 não se resumira à ruína daquele muro concreto, e ao mesmo tempo simbólico, separando as duas Europas, a Ocidental e a Oriental.

As eleições polacas, o massacre na praça de Tiananmen e a retirada da União Soviética do Afeganistão coincidiram, nesse ano. A narrativa triunfante, nos anos seguintes, assentou na certeza de que a história, tal como a conhecíamos, acabara. A expansão dos valores (neo)li-

berais e a certeza inequívoca de que o nosso destino era o progresso moldaram a década seguinte.

A espetacular queda do Muro de Berlim fazia antever algo grandioso, para além da vontade dos líderes mundiais e das balizas da história.

Chegados a 2024, estou curioso sobre como olharemos para este ano não daqui a 35 anos, mas em menos de uma década. A recente vitória de Trump, a par de outras como a de Millei na Argentina, o alargamento dos BRICS, a escalada entre Israel e o Irão ou a entrada de tropas da Coreia do Norte num conflito na Europa anunciam a inversão dos poucos equilíbrios internacionais ainda existentes e extensamente simulados nas Nações Unidas.

Ademais, as percepções de desigualdade e de ineficácia das instituições democráticas alimentam uma busca de sensação de controlo bem aproveitadas pelas direitas liberais. O reforço de fronteiras ou a imposição de tarifas são exemplos eloquentes desse discurso, capaz de continuar a captar o voto de largas franjas de eleitorado, apesar das propostas mais indecentes do ponto de vista humano e moral.

E tudo isso interessa-nos, de alguma forma, a nós, nesta distância atlântica? Pois bem, talvez nunca nos tenha interessado tanto. E se a União Europeia trocar o esforço de coesão pelo investimento numa defesa comum mais robusta? E se a reindustrialização do continente se fizer, prioritariamente, nos países de Leste, mais capacitados por um ensino profissional e politécnico tradicionalmente robustos? E se a nova realidade internacional impuser outros circuitos comerciais – mais longos e mais dispendiosos? Estas não são questões novas,

mas antes a nova agenda do dia que afetarão a nossa vida quotidiana.

Dantes, víamos o Muro de Berlim ruir e isso ainda nos parecia distante. Agora, num mundo tão interconectado, as cisões vão doer muito mais, porque afinal temos o mundo no nosso quintal. Teremos massa crítica para repensar prioridades regionais neste quadro ou a próxima grande discussão estratégica voltará a ser quantas ligações diretas a SATA garante em época baixa? ■